

A trajetória e cristalização do hip-hop franco-argelino em Rouen através de Rilès Kacimi

Palavras-Chave: Migração e Pós-colonialismo, Hip Hop, Periferia e produção cultural

Autores:

Victor Hugo Cossa da Silva [UNICAMP]

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (orientador) [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Foram 132 anos de colonização francesa na Argélia, de modo que até hoje os migrantes do país, estejam eles em situação legal ou não, almejam a vida na França por facilidades como o idioma e a história compartilhada. No entanto, esses migrantes nunca foram totalmente abraçados, mesmo com mais de um século de histórias entrelaçadas. Desde as primeiras ondas migratórias nos períodos de pós primeira e segunda guerra, o fluxo migratório nunca cessou. A proposta desta pesquisa era de desenvolver uma análise sobre a realidade dessa minoria através das expressões do hip-hop no cenário franco-argelino, pois a cultura hip-hop, desde sua origem, tem sido uma ferramenta para expressar e subverter as realidades de populações marginalizadas.

Dessa forma, foi através da flexibilização de autores como Tricia Rose, Paul Gilroy e Halifu Osumare que foram compreendidas as articulações realizadas pelos artistas franco-argelinos. Artistas cujas trajetórias cruzadas, criam uma rede de comunicações e vivências expressas através da cultura hip hop, tendo o foco desse projeto debruçado no cenário de Rouen com os personagens de Rilès Kacimi e seus companheiros.

Durante a execução da pesquisa, foi desenvolvida uma correspondência com o conceito de

marginalidades conectivas de Halifu Osumare, apresentado em sua obra *“The Africanist aesthetic in global hip-hop: Power moves”*, tal conceito implica na existência de uma grande cena¹ global da comunidade de Hip Hop. Esta grande cena é constituída por sua vez por cenas locais, por indivíduos e comunidades que se encaixam nos parâmetros de juventudes oprimidas por marcadores sociais de raça e classe, com um passado

Figura 1 - Rilès, Younès e Leone junto de seus companheiros durante o show de "Family Business"



Fonte: <https://www.instagram.com/rilesundayz/?hl=pt-br>

¹ Cenas são o termo usado para se referir à comunidade de artistas e praticantes da cultura Hip Hop em determinado território.

de colonização ou dominação, assim como o contexto original do nascimento da cultura Hip Hop nos Estados Unidos (OSUMARE, 2007).

Rilès Kacimi é filho de imigrantes argelinos que migraram para França no início da década de 90, seu pai Salem Kacimi era um trovador argelino que migrou através de viagens marítimas até chegar em Marselha. O nome da mãe de Rilès não pode ser encontrado durante as pesquisas nos perfis pessoais do cantor, mas sabe-se que a família se estabeleceu em Rouen, onde ela trabalhava em diversos serviços de limpeza, como expresso em sua música “*The Cleaning Lady*”:

*First time i saw mama at work
I understood when she said 'damn it's hell'
she's been cleaning shit for more than 10 years
I wouldn't stand it one fuckin day
no she has no friend, no one to talk to
yes a lot of racists
look what she's been through
being the only terrorist of the whole crew*

*A primeira vez que vi minha mãe no trabalho
Eu entendi quando ela disse 'droga, é o inferno'
ela tem limpado merda por mais de 10 anos
Eu não aguentaria essa merda por um dia
não, ela não tem amigos, ninguém para conversar
sim são muitos racistas
olha pelo que ela passou
sendo a única terrorista de toda a equipe*

(RILÈS. *The Cleaning Lady*. Rouen: Rilès Bedroom: 2017)

O cantor cresceu em condições pobres, em algumas de suas músicas mais antigas Rilès ressalta que seus pais realizaram grandes sacrifícios para se estabelecerem em seu novo país. Passaram por diferentes tipos de discriminação no ambiente de trabalho, como quando a mãe do artista era chamada de “terrorista” pelos seus colegas. A família estava profundamente endividada e a mãe de Rilès enfrentava problemas como a depressão e o alcoolismo.

Rilès revela em letras de músicas como “*For Mama*” e “*The Cleaning Lady*” que esse ambiente hostil para seus pais acabou refletido em atitudes tomadas pelos mesmos durante sua criação. O cantor conta de casos em que sua mãe se embriagava e despejava todo seu estresse no jovem. No entanto, naquele ambiente ele compreendeu rapidamente que ela não devia ser culpada, afinal ela passava dias infernais trabalhando incessantemente para pagar suas dívidas e garantir o sustento de sua família.

Nesse momento o artista havia definido a partir de conselhos e a observação da vida exaustiva de seus pais, que ele precisava ter sucesso naquilo que fosse escolher como carreira, pois precisava tirar sua família daquela situação na qual mal podiam comprar remédios ou pagar o aluguel. Pela maneira com que seus pais se estabeleceram e sua condição de vida, ambos eram muito rígidos quanto ao futuro profissional do filho. Eles

Figura 2 – Rilès Kacimi ao lado de Salem Kacimi segurando a bandeira da Argélia no videoclipe de “*I do it*”



Fonte: <https://youtu.be/wisVVjernzI>

exigiam dele o melhor desempenho escolar, mas aos 14 anos o jovem artista começa a demonstrar interesse pela carreira musical e seus pais, que eram muito repreensivos, diziam que esta carreira não o levaria a lugar nenhum.

METODOLOGIA:

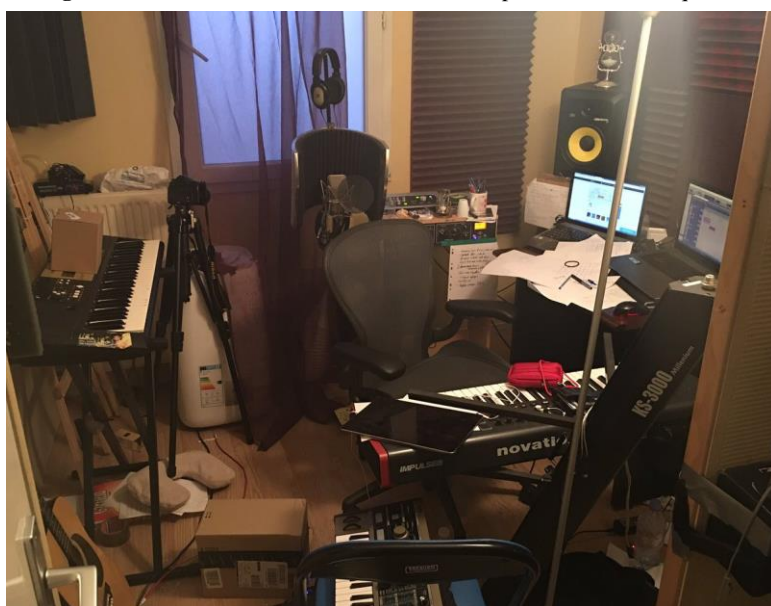
A metodologia adotada durante o desenvolvimento deste projeto contou com a análise e reflexão de músicas, entrevistas e imagens produzidas a respeito da cultura *hip-hop* na França, de forma principal as obras de Rilès Kacimi. Com base em leitura de teses, artigos e livros que tratam do processo histórico entre Argélia e França, procuraremos dar destaque aos artistas franco-argelinos. Semelhante ao método utilizado por Tricia Rose em “*Black Noise*”, foi realizada uma curadoria do conjunto de músicas e entrevistas de Rilès, utilizando-as para determinar de forma mais precisa sua história e relacioná-la ao contexto pós-colonial.

Junto da curadoria de músicas, depoimentos e entrevistas, foram realizadas também um estudo acerca das imagens, o imaginário e conto de histórias transmitidos através dos clipes e fotos do artista. Buscando analisar de forma principal, imagens presentes nos clipes ou nas capas das produções do artista que carregam significados como sua ancestralidade e cultura de origem, como também seus conflitos internos e relações interpessoais expostos em suas letras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da extensa curadoria acerca do repertório lírico e imagético produzido por Rilès Kacimi, houve um aprofundamento na compreensão da forma como o mesmo se relaciona com suas experiências, vivências e contexto. Desde meados de 2014, quando Rilès publicou suas primeiras produções online até o ano de 2019, o artista sempre expressou claramente sua obsessão pela perfeição e aprimoramento de seu trabalho. De certa

Figura 3 - Primeiro estúdio de som de Rilès, improvisado em seu quarto



Fonte: <https://twitter.com/0Riles/status/893921328339746816?s=20>

maneira, muitas vezes o *rapper* transmitia uma imagem de um artista egocêntrico, afirmando através sua lírica que era o único que poderia ser capaz de conceber, arquitetar e executar com perfeição o seu trabalho. Assim, muitas ofertas de colaborações e acordos com gravadoras foram recusados, devido à hesitação que Rilès tinha ao pensar que poderia comprometer seu processo criativo ao se submeter as opiniões e orientações de terceiros. Dessa forma, ele continuou trabalhando sozinho, produzindo e gravando a maior parte de suas músicas em seu estúdio improvisado, montado dentro de seu próprio quarto (Figura 3), contanto apenas com a ajuda de seus amigos mais próximos para a gravação de clipes e projetos maiores, mas que ainda assim, contavam

com sua supervisão em todas as etapas. Posteriormente, nos anos de 2020 e 2021, com uma carreira consolidada após o lançamento de seu primeiro álbum, o artista oficializa a gravadora de nome Rilèsundayz, anteriormente o nome de sua linha de roupas. Com a criação da gravadora, Rilès agora busca dar suporte aos seus companheiros artistas, de forma que agora tanto Younès como Leone fazem parte da trindade de artistas principais da gravadora, junto de Rilès é claro.

Neste ponto, Rilès começa a transformar seu ponto de vista anteriormente formado quanto a sua maneira de produção, onde antes o mesmo afirmou repetidas vezes que seu maior obstáculo era o tempo, eram suas distrações e dúvidas, representadas em diversos de seus clipes passados como versões antigas dele mesmo (Figura 4). Surge um espaço de troca com seus companheiros, onde observando o trabalho um dos outros, existe uma conversação na forma como se expressão e sobre as experiências, críticas e autobiografias que expressam.

Figura 4 - Rilès cercado por seus eu anteriores, representando seus obstáculos no clipe de "Thank God"



Fonte: <https://youtu.be/FOZpHgae7iw>

Já que todos estes artistas são também de alguma forma imigrantes, marginalizados, não só franco-argelinos, que tiveram suas trajetórias escritas sob os marcadores de classe, raça, opressão histórica e o fervor da juventude que se rebela contra os formatos tradicionais deste sistema e da geração anterior a sua. Estas são as quatro bases fundamentais do conceito de marginalidades conectivas de Halifu Osumare, junto do contexto pós-colonial europeu, resultam na união e agência conjunta destes indivíduos, de forma que a elevação da comunidade em seu total é o resultado do anterior objetivo de Rilès em elevar as condições de sua família e seus semelhantes.

CONCLUSÕES:

A pergunta que moveu este projeto era: Quais os traços deixados pelo colonialismo na cultura hip-hop vivida pelos jovens franco-argelinos? Minha primeira hipótese era de que havia uma relação direta entre a história colonial e as músicas e arte desses indivíduos, tendo em vista que a cultura do hip-hop se desenvolveu a partir das experiências de vida da juventude negra marginalizada nos Estados Unidos. A arte serve como um ambiente de luta e resistência tão válido quanto os debates, desse modo pretendia compreender a luta e resistência desses indivíduos analisando sua arte.

Após a compreensão e flexibilização de autores como Tricia Rose, Paul Gilroy, Patricia Hill Collins e Halifu Osumare, foi possível circundar uma resposta positiva e breve quanto a primeira hipótese, estabelecendo então um parâmetro para falar sobre a dinâmica da cultura Hip Hop no cenário francês. Sim, o colonialismo francês é influência direta na forma e conteúdo do Hip Hop franco-argelino, isso por que a cultura Hip Hop de forma global, conforme apresentado através do conceito de marginalidades conectivas (OSUMARE, 2007),

floresce principalmente nos cenários do atlântico negro² em contexto de pós-colonialismos e situações de opressão.

Isto é resultante da estética africana presente nas raízes da cultura Hip Hop, da forma como ela é formada por uma expressão rítmica, cantada, corporal, imagética e de transmissão de histórias, como os *griots*³, remetente aos formatos de arte africanos que foram disseminados pelo atlântico negro durante o comércio de escravos. Essa forma de cultura da era pós-moderna com raízes nas tradições africanas ancestrais surge como uma forma de expressar e subverter a realidade da população afro-americana e segue pelo mundo posteriormente através de outras marginalidades que se conectam e se identificam com as condições da população afro-americana.

Dessa forma a população franco-argelina se encaixa perfeitamente dentro do conceito de marginalidades conectivas, traçando-se então uma clara relação entre a opressão sofrida pelos indivíduos silenciados e marginalizados e a forma como essa cultura se desenvolve em uma cena local específica. Dessa forma, é correto assumir que a colonização francesa, junto da opressão subsequente viabilizada pela metrópole aos argelinos, é um dos pilares que sustenta a cultura Hip Hop nos núcleos franco-argelinos, apesar de não ser o único.

BIBLIOGRAFIA

GILROY, P. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

ROSE, Tricia. *Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America*, Wesleyan University Press, 1994.

OSUMARE, Halifu. *The Africanist Aesthetic in global Hip-Hop: Power moves*. Palgrave Macmillan US, 2007.

COLLINS, Patricia H. *From Black Power to Hip Hop: Racism, Nationalism and Feminism*. Temple University Press, 2006.

RILÈS. *For Mama*. Rouen: Rilès Bedroom:2016 (3:40)

RILÈS. *The Cleaning Lady*. Rouen: Rilès Bedroom:2017 (4:36)

² Conceito criado e flexibilizado por Paul Gilroy em sua obra “O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência” para tratar da diáspora africana, o contexto consequente da dispersão de etnias e culturas africanas pelas colônias através do contexto de escravidão.

³ Contadores de história, cantores, poetas e musicistas, mais comumente encontrados na África Ocidental.